

## Aspetos Geopolíticos do Paraná

(Conclusão da pág. 9)

dos mediterrâneos, sem que o seja.

Breve relance sobre a dinâmica do espaço paranaense pode nos dar idéia do vulto dessa dissociação se bem atentarmos para as comunicações.

A economia do oeste, pode tender a escapar ao controle estadual, esvaindo-se pelo Rio Paraná, sem que se saiba ao certo o mercado que se beneficiará de seus produtos. E ainda há as ramificações rodoviárias em busca do norte, o mais recente Eldorado em terras da Santa Cruz.

O norte, por sua vez, recebe em linha reta o impacto do Porto de Santos, nem sempre dispondo de praça suficiente para o volume da produção correanda.

Nessa ordem de idéias é forçoso o recurso a artifícios capazes de repôr as coisas em seus justos termos.

Além temos a estrada do Cerrne, verdadeiro traço geopolítico em favor da economia paranaense, apesar de suas más condições técnicas à espera de substancial melhora; o reforçamento das pontes e viadutos da ferro-via Curitiba-Paranaguá e os planos para melhorar o acesso, a acostagem e o equipamento deste porto.

Mais acentuadamente devem ser citados a ferrovia Ponta Grossa-Apucarana, sem que se despreze a rodovia que a dobrará, ambas de particular importância pelo sentido oblíquo (sul-este-noroeste) dos respectivos traçados, como uma sorte de resultante econômica das atrações que se exercem sobre o oeste e o norte do espaço paranaense.

Resumindo, quer parecer que a linha balizada por Palmas-Guarapuava-Pitanga-Apucarana deveria ser considerada como a calha, a coletora econômica a favor do litoral paranaense ou melhor do Porto de Paranaguá. Nesse quadro, Ponta Grossa se imõe como centro de atração sobre a maior parte do oeste e do norte do espaço paranaense.

Após concluída a figura neutralizante das novas comunicações, Ponta Grossa e Curitiba poderiam realizar seu destino funcional como centros econômicos de distribuição, já agora em benefício da própria Federação de que o Estado do Paraná é uma de suas unidades melhor qualificadas.

No atual estado de coisas, o Paraná ainda não pode representar a pleno o papel que lhe compete na Federação como unidade econômica e conseqüentemente política, o que, de um modo ou de outro se rebate sobre a economia e a política nacionais, inclusive pela feição fronteiriça do espaço paranaense.

Em nada se recomenda, com efeito, a incapacidade de um Estado em coordenar, por meio de comunicações e transportes adequados, a distribuição de seus produtos, no âmbito nacional ou internacional, e tudo deve ser planejado e executado para que um tal Estado retome o controle de sua produção.

A Federação vale, justamente, pelo sistema de forças econômicas e políticas de suas unidades e nenhuma delas deve falhar à sua destinação no concerto federativo. Nisso está, por exemplo o alcance político da Hidrelétrica de Paulo Afonso, pois, irá propiciar a

recuperação econômica dos Estados nordestinos, presentemente verdadeiras lacunas no complexo problema político-econômico do País.

Mas é preciso ainda não esquecer que, se em novos termos o problema da circulação da riqueza paranaense, iniciáremos, de seguro, nova política portuária à base de portos conjugados (grandes e pequenos), de modo a tornar possível "variantar" os transportes segundo as circunstâncias (praça, fretes, carga e descarga, etc.). Nesse particular Curitiba seria excelente placa giratória em relação aos portos de Paranaguá e São Francisco e ao Porto de Santos, se utilizados em cadeia.

O que não parece admissível,

vel, no caso de uma unidade econômica, é a contingência de não dispor de outra alternativa além da imposta por condições inomentaneamente mais favoráveis de seus vizinhos, anulando-se a si própria por comodismo, incapacidade ou pela avidez de lucro imediato de terceiros o que, pensamos, nada tem a ver com o conceito de mercado, no qual, reconhecemos, não somos fortes (aspeto provocado por objeção partida do auditório).

Como dos mais simplórios caboclos dessa brilhante tribo euclediana, acreditem todos na minha satisfação em vê-los, pacientemente aturando discussão tão árida como a que vimos fazendo, tanto mais que

agravada pelo estado de fadiga em que nos encontramos.

Esse é excelente sintoma por revelar o gosto (até ao sacrifício) pelos estudos geográficos que, ao nosso ver, se encontram no fundo da solução de todos os problemas, assim econômicos como sociais e políticos.

No regime democrático em que vivemos, e tão da nossa índole, urge que cada um procure esclarecer-se sobre os problemas nacionais. E é bom lembrar que esses problemas devem ser encarados onde quer que se manifestem; tanto é verdade que a vida nacional está em toda parte a dentro de nossas fronteiras, o que, graças a Deus, é também de

nossa brasilica índole reconhecer.

Acreditamos haver produzido alguma coisa que mereça ser meditada, mesmo para que se discorde afinal. As democracias vivem, essencialmente, da livre circulação de opiniões emitidas por seus membros, sem distinção de classes, credos ou partidos e de cor e assim devemos viver nós.

Só me resta, agora, apresentar meus melhores agradecimentos a esse nosso manso líder que é Faris Michael e declarar todo meu entusiasmo pela imensa obra que realiza seu grande espírito, reconduzindo-nos às nossas tabas de origem.